

O Oco e a Emenda

Paloma Bosquê

Inauguração 15 de Maio :: 18h00

16 maio a 8 de outubro

Pavilhão Branco

As Galerias Municipais inauguram no próximo **dia 15 de maio**, pelas **18h00**, no **Pavilhão Branco**, a exposição ***O Oco e a Emenda***, a primeira exposição individual internacional da artista brasileira **Paloma Bosquê**, com curadoria de Luiza Teixeira de Freitas.

Para esta exposição, Paloma Bosquê apresenta um conjunto de 21 novos trabalhos, muito diferentes uns dos outros formalmente, mas cujo denominador comum é a organicidade e a fluidez. O seu processo artístico inicia-se em cada material concreto, e numa investigação sobre o seu comportamento perante o espaço e em relação à própria existência. Neste caso é como se o jardim do Museu de Lisboa e o interior do Pavilhão Branco deixem de ter início e fim, interior e exterior, para ser tornarem um único plano.

A rotina do ateliê é o ponto de partida de boa parte da pesquisa de Paloma Bosquê. Nesse ambiente a artista manuseia e associa livremente materiais pouco usuais no vocabulário da escultura, para criar composições espaciais de formatos e escalas variadas. Sempre em busca de um equilíbrio possível e consensual entre os elementos que elege, desenvolve métodos específicos para unir, sobrepor e emendar os materiais sem nunca os forçar através de qualquer forma mais definitiva de interação.

Latão, feltro, bronze, carvão, breu, cera de abelha, tripas de boi, papéis artesanais, peneiras de café e lã são usados indiscriminadamente; a procedência ou a potencial carga simbólica de cada um dos componentes utilizados na sua prática escultórica interessam menos do que a sua presença física. É através das relações entre textura, peso e a transformação natural dos materiais orgânicos, que constrói um território de extrema delicadeza visual e que instiga por frustrar sempre qualquer esforço de interpretação.

Cada composição é um arranjo de materiais singulares, os feltros e os teares são feitos à mão e adaptam-se a cada escolha da artista, as peneiras de café guardam marcas de uso - cada uma envelhece a seu tempo - e não há duas peles de bode iguais. O foco de Bosquê está na transitoriedade da matéria e na impermanência. Seu uso do tempo e do espaço e seu vocabulário escultórico, lembram-nos quão frágeis são os acordos que sustentam tudo o que consideramos permanente ou irrevogável.

Paloma Bosquê trabalha fundamentalmente a corporeidade de formas e materiais, na sua vertente mais física e concreta, explorando os limites e capacidades do espaço e do corpo. As suas esculturas e intervenções são odes ao processo artístico manual. Cada trabalho investe numa relação íntima com a essência do material e a sua fisicalidade, e no contexto dessa relação decide intervir ou não neste, jogando frequentemente com questões relativas às proporções humanas, às dimensões e ao peso de cada objeto.

Os títulos com que batiza as suas obras são de prosa simples mas ao mesmo tempo carregada de sentido e significado, que seguem a mesma linha de pensamento dos trabalhos, através dos quais atribui por vezes, uma carga simbólica que conecta a sua obra com a natureza e com as forças opostas que a compõem. O corpo é uma alusão consciente, assim como uma relação subtil um tanto quanto erótica entre corpos – o do trabalho e o do espectador, produzida por uma vontade de tocar e sentir cada obra.

Nas suas obras e nesta exposição em particular sente-se a sua forte ligação às plantas, a focada relação que tem com cada material (prosaico ou refinado) e a sua falta de pressa com o mundo acelerado à sua volta. Paloma Bosquê almeja conscientemente – e alcança – fazer mesmo isso, parar o momento para quem olha e vive cada trabalho ao transformar o tempo que os rodeia.

Das Interações Provisórias e **Trave #2** são trabalhos onde os conceitos de encaixe e equilíbrio da matéria com o espaço ganham destaque. Os trabalhos são equilibrados e se sustentam em si mesmos.

Em **Galhos**, pequenas esculturas de chão em bronze, o material ganha novamente relevo, pois tanto carrega em si o peso da história da escultura, como simultaneamente se comporta como elemento da natureza cujo tempo chegou ao fim.

Inverso Duplo é feito através de um processo que emaranha a fibra até criar uma superfície que independe de costura, permitindo assim o controle da sua forma e desempenho. Na sua prática, Paloma Bosquê desafia o observador a confrontar-se com a fisicalidade das obras, interagindo de forma sensorial com certas peças. Com **Prumos** o processo é semelhante, no entanto o feltro aqui envolve e sustenta os ovos de cera. O prumo é o que balanceia, alinha, enquanto o inverso duplo é mais ardiloso.

Parte de uma série à qual a artista dá o nome de composições possíveis **Cruzeiro com Rede** busca o equilíbrio entre materiais distintos através de uma relação de peso e apoio, uma espécie de acordo consensual entre os materiais. Uma tentativa de construir um vocabulário de estruturas simples, inspiradas em processos de construção por vezes um tanto quanto vernacular. **Mergulho** também segue a mesma lógica de equilibrar materiais distintos em negociações justas. Neste trabalho é a matéria em suspensão e a sua relação com o espaço e a gravidade, que cria uma tensão e uma relação de peso entre dois elementos. Assim como **Ponte Pênsil** e **Trampolim** em que se busca o balanço entre elementos explorando pontos de apoio. Toda esta série de composições possíveis lidam bastante com a ideia de impermanência, são anti-monumentos.

Conselheiros trazem um elemento novo, uma espécie de narrativa um pouco mais delineada e baseada em duas influências mais diretas: a estrutura simples dos estandartes de procissão brasileiros (especialmente um presente em Deus e o Diabo na Terra do Sol de Glauber Rocha – de onde vem, em parte, o título) e o quadrado preto de Malevitch. **Estandarte #2** também faz parte de um léxico de estruturas do corpo de trabalho da artista, neste caso a visão frontal do objeto só revela a sua própria estrutura, como se víssemos através da carne de um corpo o seu esqueleto, a estrutura básica que o sustenta. É apenas circundando o corpo da escultura que o estandarte se deixa perceber.

O trabalho que dá nome à exposição **O Oco e a Emenda** condensa várias das questões que informam a prática artística de Bosquê. É um tear muito fino de fios dourados de lurex. São duas faixas emendadas de forma a criar um plano. A emenda é especialmente interessante pois essa sobreposição engrossa o tecido e o leva mais para o espaço (do desenho para o tridimensional), é novamente uma relação de peso e pontos de tensão, mas neste caso dentro do mesmo material. A trama é esgarçada com as mãos, abrindo um rombo, o que torna o trabalho menos diáfano é justamente o oco, o contraste do buraco com o acúmulo de linhas de lurex à sua volta é o que torna a estrutura visível.

Em **Curva Amparada (Chifre)**, o nome do trabalho é a estrutura necessária para que ele exista, o chifre é a curva. É um tarugo de latão cravado num bloco de cera, a cera vira a própria base do trabalho e o objetivo é suspender um elemento visualmente e fisicamente pesado - o chifre de búfalo. O que interessa é a relação de textura e peso entre chifre, a cera e o latão.

Unha Totem é um trabalho bastante peculiar, um monumento mal aparado, o oposto da fluidez das estruturas dos outros trabalhos. A pesada estrutura dourada e o bloco de cera sustentam um pedaço de chifre de boi, uma forma que parece uma unha cortada, um naco de alguma coisa. Um trabalho que coloca a ideia da solenidade do monumento em questão. Como se invertesse a ordem das solenidades e reverenciasse um pedaço de matéria que deve ser jogado no lixo, nesse sentido relaciona-se com **Altar Aos Cacos** que é de certa forma um trabalho solene, uma homenagem ao que sobra. A cuia de cera guarda cacos do mesmo material, a mesma matéria é receptáculo e conteúdo.

Finalmente **Cipal Com Pedras** é uma instalação inspirada nos vetores de crescimento das plantas num jardim ou na mata. Cada fio feito à mão assim como a própria estrutura que os sustenta, o emaranhando das tripas pede que se navegue conscientemente, com atenção aos limites do próprio corpo, traz a consciência do espaço, do pé direito e leva em conta a transparência do edifício em relação ao jardim que o circunda. Acaba por ser um desenho no espaço, um ritmo sugerido.

Sobre a artista

Paloma Bosquê é artista, vive e trabalha em São Paulo. As suas mostras individuais incluem: “Campo” (Mendes Wood DM, São Paulo, 2016); “O Incômodo” (Pivô, São Paulo, 2015); “Um Ponto Antes” (Mendes Wood DM, São Paulo, 2014). Participou das exposições coletivas: “Neither” (Mendes Wood DM, Bruxelas - Bélgica, 2017); “Of Road” (Zeno X Gallery, Antuérpia – Bélgica, 2017); “In Between” (Bergamin & Gomide, São Paulo, 2016); “Mycorial Theatre” (Pivô, São Paulo, 2016); “Projeto Piauí” (Pivô, São Paulo, 2016); “Roberto Burle Marx: Brazilian Modernist” (The Jewish Museum, New York - EUA, 2015); “Kiti Ka' Aeté” (The Modern Institute, Glasgow - Reino Unido, 2015); “United States of Latin America” (Museum of Contemporary Art Detroit, Detroit – EUA, 2015).

Sobre a curadora

Luiza Teixeira de Freitas vive em Lisboa e é curadora independente envolvida em diversos projetos, como a colaboração com coleções particulares e a direção da programação do Gabinete em Lisboa. Luiza encontra-se ainda ativamente envolvida com publicações independentes e livros de artista. As suas exposições recentes incluem: “Amalia Pica: A un brazo de distancia” (NC-arte, Bogotá, 2017); “O que eu sou” (MAAT, Lisboa, 2017); “El que camina al lado” (Travesia Cuatro, Madrid, 2016 e Guadalajara, 2016); ‘An Infinite Conversation’ (Museu Berardo, Lisboa, 2014); ‘Apestraction’ de Damián Ortega (Freud Museum, Londres, 2013); ‘Like Tears in Rain’ (Palácio das Artes, Porto, 2010); ‘The Moon is an Arrant Thief’ (David Roberts Art Foundation, Londres, 2010).; trabalhou em projetos especiais para Alexander and Bonin, Nova Iorque (2006-12) e kurimanzutto, México (2008-12); foi curadora assistente da Bienal de Marrakech, “Works and Places” (2009) e colaborou na Tate Modern, Londres nas exposições de Cildo Meireles e Cy Twombly (2008). Luiza é parte do conselho administrativo da Chisenhale Gallery em Londres e consultora de estratégia da Delfina Foundation também em Londres.

A exposição pode ser vista de terça a domingo, das 10h às 13h e das 14h às 18h.

Ainda nas Galerias Municipais

Percurso Intensivo, de Manthia Diawara | Galeria Av. da Índia

Cosmic Words, de Alejandro Alonso Díaz | Galeria Boavista

O mar é vivo e não fala, de Rui Inácio | Galeria Quadrum

Acompanhe-nos em:

<https://www.facebook.com/galeriasmunicipaislisboa>

<https://www.instagram.com/galeriasmunicipais>